

Grief Porn: o interdito à flor da pele no terror psicológico de Ari Aster¹

Giovana Pedrilho Souza²
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

RESUMO

A presente comunicação pretende investigar a relação entre o luto e o corpo feminino nos filmes de terror de *grief porn* pensando como ela é elaborada esteticamente e qual sua função narrativa. Assim, partimos da noção de interdito e excesso, visando apreender essa elaboração audiovisual através da análise filmica dos longas-metragens *Hereditário* (2018), *Midsommar - O Mal Não Espera a Noite* (2019) e *Beau Tem Medo* (2023) de Ari Aster.

PALAVRAS-CHAVE: *grief porn*; Ari Aster; corpo feminino; interdito; excesso.

CORPO DO TEXTO

No cinema de horror, após os anos 2000, um grande número de produções despontou trazendo objetos de horror caracterizados pela morte e o luto em círculos familiares. *O Babadook* (Jennifer Kent, 2014), *Boa Noite, Mamãe* (Veronika Franz, Severin Fiala, 2014), *A Bruxa* (Robert Eggers, 2015), *Hereditário* (Ari Aster, 2018), *Sombras da Vida* (David Lowery, 2017), *Midsommar – O Mal Não Espera a Noite* (Ari Aster, 2019), *Cordeiro* (Valdimar Jóhannsson, 2021) e *Beau Tem Medo* (Ari Aster, 2023) são alguns exemplos com esta premissa.

De acordo com Robin Wood (1979), objetos de horror são representações daquilo que é socialmente reprimido, como a sexualidade não heteronormativa, a mulher, grupos étnicos não ocidentais e/ou brancos etc. No contexto ocidental, Philippe Ariès (2014) aponta que, no século XX, a morte e o luto foram reprimidos. Ele argumenta que a mentalidade moderna de produção vê o luto como contraproducente e promove, para a manutenção do sistema socioeconômico vigente, seu afastamento do cotidiano, interditando-o.

Ao discutir acerca do recente aumento da produção de livros, músicas e filmes sobre luto, Peter Lund (2020), mencionando o fenômeno do *grief porn*, defende que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho - Estudos Audiovisuais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da UFSCar sob orientação do Prof. Dr. Alessandro Constantino Gamó, e-mail: giovanapedrilho@estudante.ufscar.br.

estes produtos culturais fornecem uma possibilidade de se experienciar o luto controladamente, a segura distância, dando vazão aos sentimentos interditos.

O termo *grief porn* se popularizou, entretanto, com um sentido distinto no início do século através do seu uso pela mídia jornalística para referir demonstrações públicas de luto feitas por pessoas sem relação direta com os falecidos. Rafael Behr³ (2005) o define como: “Pornografia do luto. (s.) Gratificação derivada da conexão tênue com os infortúnios dos outros; a indulgência gratuita da associação tangencial com a tragédia; gozar com notícias muito ruins”⁴; indicando, assim, a explicitude e intensidade dessas demonstrações, o distanciamento entre o enlutado e o falecido e uma espécie de prazer, análogo ao sexual, derivado da morte.

Parte dessas características e da revisão do termo promovida por Lund transparecem na apropriação feita por Baldwin e Cranor (2021) para o cinema de horror ao discutirem *Hereditário* e *Midsommar*. Os realizadores definem a pornografia como a exploração de determinado assunto e defendem que ambos os filmes podem ser classificados como *grief porn* pois abordam o luto pornograficamente, isto é, de maneira gráfica com uma superficialidade psicológica que traz as sensações derivadas do luto representadas à flor da pele, notadamente através das personagens femininas, de modo exagerado e reiterativo. Segundo eles, essa representação envolve, excita e choca, provocando uma espécie de gratificação.

Sendo assim, o escopo da presente pesquisa em desenvolvimento é investigar a relação entre o luto e o corpo feminino no *grief porn* no que tange à representação estética das emoções, sensações e sentimentos do primeiro e sua função narrativa no filme, considerando sua qualidade excessiva, tida como pornográfica.

Para tanto, propomos a análise fílmica dos três primeiros longas-metragens de Ari Aster, visto a sua relevância para o *grief porn*, exposta por Baldwin e Cranor (2021), e a ideia, sugerida por Aster (2023), de que eles compõem uma trilogia com os mesmos temas centrais, isto é, relações familiares, ansiedade e luto.

Desse modo, pretendemos apreender as potencialidades e paralelos dessa relação: ao representar o luto através do corpo feminino, o que o filme possibilita em termos sensoriais e interpretativos e por que abordá-lo nesse período e dessa forma?

³As citações diretas de textos originalmente em inglês são todas de tradução nossa.

⁴*Grief Porn. (n.) Gratification derived from a tenuous connection to the misfortunes of others; the gratuitous indulgence of tangential association with tragedy; getting off on really bad news.*

Linda Williams (1991, p. 2), refletindo sobre as “sensações que estão no limite do respeitável”⁵, derivadas de “excessos que nós desejamos excluir”⁶, como o sexo, a morte e a emoção descontrolada, articula que:

Visualmente, pode-se dizer que cada um desses excessos extasiantes compartilha uma qualidade de incontrolável convulsão ou espasmo – do corpo “fora de si” com prazer sexual, medo e terror, ou tristeza avassaladora. Auditivamente, o excesso é marcado pelo recurso não às codificadas articulações da linguagem, mas aos gritos inarticulados de prazer na pornografia, gritos de medo no horror, soluços de angústia no melodrama.⁷ (WILLIAMS, 1991, p. 4).

Williams (1991, p. 4) também pontua que o excesso é engendrado pelo “espetáculo do corpo no calor da sensação ou emoção intensa”⁸ sendo que “os corpos das mulheres retratados na tela têm funcionado tradicionalmente como as incorporações primárias de prazer, medo, e dor”⁹.

A construção audiovisual das sensações de luto no *grief porn* feita pelo exagero e reiteração observada por Baldwin e Cranor (2021) vai de encontro aos mecanismos do excesso evidenciados por Williams (1991), uma vez que tanto em *Hereditário* e *Midsommar* quanto em *Beau Tem Medo*, os corpos dos protagonistas são o suporte do pesar, neles se manifestam as reações dos enlutados, tais como o choro, lamentos de dor, crises de ansiedade e acessos de riso ou atividade intensa que beiram a mania.

Hereditário acompanha a família Graham após o falecimento de Ellen Leigh, a avó e matriarca, e de Charlie, a caçula. Enquanto o pai, Steven, e o filho mais velho, Peter têm reações mais contidas frente às mortes, apáticas no caso do primeiro e reprimidas no segundo, Annie, a mãe, manifesta um luto expansivo que rompe com sua rotina e com a dos demais, inquietando-os e colocando-os, inconscientemente, em situações vulneráveis.

Em *Midsommar*, Dani, enlutada pela morte de seus pais e irmã, acompanha seu parceiro, Christian, e os amigos dele em uma viagem à Hårga, uma comunidade isolada

⁵ *sensations that are on the edge of respectable*

⁶ *excesses we wish to exclude*

⁷ *Visually, each of these ecstatic excesses could be said to share a quality of uncontrollable convulsion or spam - of the body 'beside itself' with sexual pleasure, fear and terror, or overpowering sadness. Aurally, excess is marked by recourse not to the coded articulations of language but to inarticulate cries of pleasure in porn, screams of fear in horror, sobs of anguish in melodrama.*

⁸ *spectacle of a body caught in the grip of intense sensation or emotion*

⁹ *the bodies of women figured on the screen have functioned traditionally as the primary embodiments of pleasure, fear, and pain.*

na Suécia. A estadia acentua a distância entre o casal a partir do contato com os costumes mortuários e sexuais dos locais, culminando no sacrifício de Christian e na integração de Dani a sua nova família.

Beau Tem Medo traz um protagonista ansioso que enfrenta diversos perigos e desvios para chegar à casa materna para o velório de sua mãe, Mona, de quem ele é emocionalmente dependente. Quando enfim atinge seu destino, Beau encontra a mãe viva e o confronto com ela resulta na morte dele.

Dentro da perspectiva do *grief porn*, em diálogo com a questão social apontada por Lund (2020), esses filmes parecem promover, através do excesso, uma aproximação entre personagem e espectador em que, conforme Williams (1991, p. 4) coloca, o corpo deste último “é surpreendido em uma mímica quase involuntária da emoção ou sensação do corpo na tela”¹⁰ em “uma aparente falta de distância estética, um sentido de superenvolvimento na sensação e emoção”¹¹ (Williams, 1991, p. 5).

Considerando a construção estética do corpo feminino no cinema de horror e sua potencialidade de provocar inquietação, Barbara Creed (1993) argumenta que ele evoca, no espectador, as sensações de um período pré-Simbólico, isto é, anterior à individualização e à entrada do sujeito na sociedade, fase em que ele não reconhece os limites entre si e o mundo exterior. Assim, Creed (1993, p. 29) observa que:

O filme de terror coloca a percepção do ‘eu’ unificado do espectador em crise, especificamente naqueles momentos em que a imagem na tela se torna muito ameaçadora ou muito terrível de assistir, quando o abjeto ameaça levar o espectador para ‘onde o sentido colapsa’, o lugar de morte.¹²

Creed (1993) ainda comenta que o corpo feminino pode ser construído através de símbolos que relacionam determinado corpo à noção socialmente construída de feminino como a passividade masculina diante de uma mulher dominante e feridas no corpo que suscitam a ansiedade de castração, entre outros. Nota-se isto em *Beau Tem Medo*, uma vez que é na relação de dependência que Beau tem com sua mãe que o luto dele se faz presente e excessivo.

¹⁰ is caught up in an almost involuntary mimicry of the emotion or sensation of the body on the screen

¹¹ an apparent lack of proper esthetic distance, a sense of over-involvement in sensation and emotion

¹² The horror film puts the viewing subject’s sense of a unified self into crisis, specifically in those moments when the image on the screen becomes too threatening or too horrific to watch, when the abject threatens to draw the viewing subject to the place ‘where meaning collapses’, the place of death.

Nesse sentido, pode-se afirmar, tendo como base os apontamentos de Baldwin e Cranor (2021) em conjunto à análise dos filmes de Aster, que, no *grief porn*, as sensações de luto parecem ser construídas através do corpo feminino articulado como uma espécie de mecanismo sensibilizante capaz de promover a experiência distanciada do luto.

Desse modo, o estudo do *grief porn* se mostra relevante para uma compreensão da forma como a sociedade atual se relaciona com o excesso da imagem, em particular com aquela do corpo feminino, na investigação dos recursos de sensibilização do espectador em um contexto audiovisual saturado pela visibilidade, e no potencial disruptivo do *grief porn* que carrega em si um valor sociocultural ao retratar as ansiedades de sua época e as estratégias com as quais a sociedade lida com elas.

Portanto, busca-se, com a continuidade deste estudo, compreender a relação entre o *grief porn* e o corpo feminino, estudar as potencialidades dessa associação e investigar o diálogo entre as escolhas audiovisuais presentes nos filmes e o contexto histórico sociocultural que os rodeia (o que essa abordagem sugere sobre a mentalidade ocidental do período no que se refere ao luto, ao corpo feminino e sua relação?).

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BEHR, Rafael. **Boo hoo, said the crocodile**. *The Guardian*, Londres. 7 abr., 2005. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080103225710/http://blogs.guardian.co.uk/observer/archives/2005/04/07/boo_hoo_said_th.html> Acesso em: 26 set., 2024.

CREED, Barbara. **The Monstrous-Feminine**. Abington: Routledge, 1993.

LUND, Peter. **Recreational grief as resonance - sociological notes on grief in popular culture**. *Mortality*: Londres, v. 27, n. 1, p. 90-106, jul.-out., 2020.

RANDOM NUMBER GENERATOR HORROR PODCAST NO. 9: 63 – Hereditary (2018). Entrevistado: Cecil Baldwin. Entrevistador: Jeffrey Cranor. *Night Vale Presents*, ago., 2021. Podcast.

WOOD, Robin; LIPPE, Richard. **American Nightmare: Essays on the Horror Film**. Toronto:



Festival of Festivals, 1979.

WILLIAMS, Linda. *Film Bodies: Gender, Genre, and Excess*. *Film Quarterly*, Berkeley, vol. 44, n. 4, p. 2-13, jun.-ago., 1991.